

ENSINO INTERCULTURAL DE INGLÊS COMO PRÁTICA DE RECONHECIMENTO
E RESPEITO ÀS DIFERENÇAS

*INTERCULTURAL ENGLISH TEACHING AS A PRACTICE OF RECOGNITION AND
RESPECT FOR DIFFERENCES*

Leticia Vieira de Melo
(Universidade Federal de Goiás/UFG)

RESUMO: Nós somos seres culturais e interculturais e construímos nossa cultura individual e coletiva a partir das interações que vivenciamos ao longo de nossa vida. Nosso meio de interação mais poderoso são as línguas. É por meio delas que nos comunicamos e que chegam até nós discursos impregnados de cultura (valores, ideologias, costumes). Também é por meio das línguas que interagimos com sujeitos das mais diversas redes sociais e grupos culturais. E a sala de aula de inglês é, em nível micro, se considerarmos o país, um lugar de constantes encontros interculturais: pessoas de origem diferente estudando uma língua também de origem diferente. Por isso, fazem-se necessárias discussões sobre cultura na sala de aula e sobre um ensino intercultural de inglês. É isso que este artigo tenta discutir: o que é cultura, o que é interculturalidade e o que seria um ensino intercultural de inglês a partir dos textos de Corbett (2003), Hall (2012), Spencer-Oatey (2012), Spencer-Oatey e Franklin (2009) e Risager (2006) e como o ensino intercultural pode levar a atitudes de respeito às diferenças.

PALAVRAS-CHAVE: cultura; interculturalidade; ensino de inglês.

ABSTRACT: We are cultural and intercultural beings and build our individual and collective culture from the interactions we experience throughout our lives. Our most powerful means of interaction are languages. They are the way we use to communicate and through them come to us speeches impregnated of culture (values, ideologies, customs). It is also through language that we interact with individuals from different social and cultural groups networks. And the English classroom is, at the micro level and considering the country, a place of constant intercultural encounters: people of different origin studying a language also of different origin. Therefore, it is necessary discussions about culture in the classroom and about intercultural teaching English. That is what this article attempts to discuss: what is culture, what is intercultural and what would be an intercultural teaching English from Corbett texts (2003), Hall (2012), Spencer-Oatey (2012), Spencer-Oatey and Franklin (2009) and Risager (2006) and how intercultural education can lead to attitudes of respect for differences.

KEYWORDS: culture; interculture; english teaching.

Introdução

Devido ao crescente número de falantes de inglês, que é consequência da expansão tecnológica e do crescimento econômico dos países falantes de língua

inglesa, o ensino dessa língua tem sido objeto de estudo de muitas pesquisas e discussões. Essas discussões mudaram seus temas ao longo dos anos para acompanhar as necessidades estabelecidas pela expansão da língua.

O ensino de língua estrangeira é muito antigo, mas os manuais para tal prática só começaram a existir com o ensino do latim. O método gramático-tradução, também chamado de tradicional ou clássico, era utilizado para ensinar as línguas clássicas, grego e latim, e seu objetivo não era comunicação, e sim leitura e escrita. Com o tempo, passou a ser utilizado para o ensino de línguas vivas já que não havia outro método.

No entanto, com a necessidade de usar a língua estrangeira para comunicação por causa da expansão do mercado internacional e dos movimentos migratórios no final do século XX – dois fatores que hoje ainda influenciam o ensino de inglês – surgiu o método direto, em que o professor utiliza apenas a língua alvo durante a aula. Já o audiolingual surgiu da necessidade do exército americano em falar diversas línguas e de forma rápida, pois sua prioridade é a habilidade oral (repetição e imitação). Depois, por causa das transformações educacionais e de mercado, surgiu o método comunicativo para suprir as necessidades em proficiência comunicativa. E, para isso, esse método trabalha as quatro habilidades: ouvir, falar, ler e escrever (CHINA, 2008).

Hoje, mais uma vez, o ensino de inglês vem sendo alvo de muitas discussões que tratam de um falante que seja capaz de não somente usar a língua inglesa, impondo ou aceitando passivamente seus valores e conceitos, mas que a use como meio de **negociar** as diferenças presentes nos mais variados encontros com outros falantes; um falante que não queira deixar sua identidade e assumir a de um falante nativo, e sim um que perceba a língua como um instrumento de disseminação de cultura. Assim, muito tem-se discutido sobre cultura e sua presença na sala de aula de inglês e sobre a necessidade de se desenvolver um ensino de inglês não só comunicativo, mas, simultaneamente, intercultural.

Com base nisso, este artigo tem como objetivo discutir três questões:

- O que é cultura?
- O que é interculturalidade?
- O que é interculturalidade na sala de aula de inglês?

Tal discussão terá como base teórica quatro autores: Risager (2006), com o livro *Language and Culture : Global flows and local complexity*; Corbett (2003), com o livro *An intercultural approach to English language teaching*; os capítulos quatro, cinco e seis do livro *Teaching and Researching Language and Culture*, de Hall (2012); os capítulos dois e três do livro *Intercultural Interaction : A multidisciplinary Approach to intercultural communication*, de Spencer-Oatey e Franklin (2009) e Spencer-Oatey (2012).

Risager (2006) trata de questões relativas ao conceito de cultura e sua (in)separabilidade da língua; Hall (2012) e Spencer-Oatey e Franklin (2009) discutem sobre a presença da cultura nos currículos considerando a perspectiva sociocultural, bem como o modo como alguns métodos têm incorporado compreensões de língua e cultura; e Corbett (2003) que, além de discutir cultura e interculturalidade na aprendizagem de língua inglesa, propõe sugestões de atividades para colocar isso em prática. Além disso, todos eles veem cultura como algo fluído, como diferenças que precisam ser negociadas e algo que vai além de comidas e festas típicas.

Com os avanços tecnológicos, que trouxeram maior mobilidade e comunicação entre culturas, as múltiplas culturas ganharam mais visibilidade e os sujeitos flutuam de um contexto cultural para outro muito rapidamente. E é esse contexto que torna a discussão sobre cultura e interculturalidade na sala de aula de inglês mais importante ainda para que o ensino proporcionado ajude o aluno a lidar com esse contexto.

Pensando sobre o conceito de cultura

Muitas discussões sobre cultura já surgiram na tentativa de conceituá-la. Alfred Kroeber and Clyde Kluckhohn, em 1952, conseguiram fazer uma lista com 164 definições de cultura (SPENCER-OATEY, 2012). Não há uma definição com a qual todos concordem, e creio que nem haverá, pois até mesmo a definição de cultura é cultural, isto é, há vários modos de entender o que é cultura e quais são seus elementos constituintes, cada modo pertencente a um grupo cultural. Algo que, para mim, pode ser cultural, para outro, não é. Cada estudioso ou teórico que tentou definir cultura participou de um contexto cultural diferente, estudou em lugares e autores diferentes.

Para Spencer-Oatey e Franklin (2009), cultura é um complexo constituído por várias regularidades formadas por elementos-chave como: orientações para a vida e crenças, valores e princípios; percepções das relações, bem como direitos e obrigações associadas a elas; convenções e rotinas (linguísticas e não linguísticas); artefatos e produtos, e, dentro destes, leis, regulações políticas e procedimentos.

Para Corbett (2003), a cultura de um grupo nada mais é do que a relação entre suas crenças e valores e os padrões de comportamento, a arte e a comunicação desse grupo, relação esta que se constrói por meio de uma negociação constante. O autor reforça sua fala apresentando a definição de Loviday (1981, p.34) para cultura:

[cultura] envolve as normas e convenções implícitas de uma sociedade, seus métodos de 'como fazer as coisas', seu ethos criativos e adaptativos transmitidos historicamente, seus símbolos e suas experiências de organização. (CORBETT, 2003, p.20).

Já de acordo com Risager (2006), há uma forma genérica e uma forma diferencial de se olhar cultura. Na primeira, prevalece a visão de cultura como um "fenômeno compartilhado por toda a humanidade" (p. 3). Já na segunda, lidamos com formas específicas de práticas culturais: vários significados, variadas normas e valores, símbolos, ideias e ideologias. Assim, para a autora, é necessário ter em mente que a cultura, em graus variados, possui elementos específicos de dados grupos e elementos universais, familiares a todas as sociedades. Pode-se dizer que a cultura de se fazer refeições (café da manhã, almoço e jantar) é algo universal, mas o que se come e como se procede em cada uma delas nos mais diversos grupos culturais é específico. Dentro de nosso próprio país isso é variável, pois em alguns estados nordestinos se come mandioca no café da manhã e, em outros, esse é um alimento mais típico do almoço ou jantar. Aqui no Brasil, a maioria das pessoas toma leite e come pão com manteiga no café da manhã, e não ovos com bacon como em muitos lugares americanos.

Spencer-Oatey e Franklin (2009) também apresentam definições de cultura de estudiosos como Hannerz, Matsumoto e Geertz, que concluem que, embora sejam parcialmente diferentes, elas possuem semelhanças, tais como as seguintes: as regularidades pelas quais a cultura se manifesta podem ser explícitas ou não; a

ideia de cultura está sempre associada a um grupo, sem implicar necessariamente que os integrantes compartilhem exatamente as mesmas características culturais; a cultura afeta tanto o comportamento das pessoas como a compreensão desse comportamento; e, por fim, a cultura é construída e adquirida por meio da interação com os outros membros do grupo. Portanto, seja qual for a cultura, ela não sobrevive em um indivíduo isolado, sem comunicação, e possui variações de indivíduo para indivíduo. Além disso, segundo os autores acima mencionados, a cultura afeta, e, não, determina, o comportamento das pessoas. Para mim, esse é um aspecto essencial, pois não permite que a cultura seja utilizada como desculpa para atitudes ofensivas ou preconceituosas contra a cultura do outro.

Também é importante perceber que as discussões sobre cultura levam o conceito para algo muito mais além de comidas e festas típicas, datas comemorativas, arte e literatura etc., e comprovam que cultura não faz mais referência somente a povos ou grupos civilizados em contraposição a não civilizados. Assim, não se pode dizer que alguém não tem cultura. Todos têm cultura, talvez várias: uma cultura familiar, uma escolar, uma religiosa, uma regional, de idade, de gênero etc. E nenhuma delas é melhor do que a outra. Elas são diferentes e constituem uma cultura maior: a humana.

Por este motivo, muitos trabalhos recentes sobre cultura na área de ensino de inglês têm assumido uma visão/postura mais ou menos antropológica de cultura e a entendendo como um modo de vida (CORBETT, 2003). Desta forma, deixamos de ver cultura como sendo constituída somente pelos elementos mais uniformes (comida, feriados e história) e passamos a enxergar sua fluidez, sua capacidade de se mover entre os mais variados grupos, e sua necessidade de interação para se construir.

Ainda em conformidade com Spencer-Oatey e Franklin (2009), existem muitos grupos sociais diferentes. Se um grupo compartilha algum tipo de regularidade, algo comum entre seus membros, eles pertencem a um grupo cultural. Portanto, podemos dizer que participamos simultaneamente de vários grupos culturais: família, escola, trabalho, amigos etc. Cada um desses grupos possui suas normas, valores e ideologias, sem que seus membros compartilhem necessariamente e igualmente todos eles. Não precisamos concordar em tudo com nossos colegas de trabalho, familiares, amigos, alunos para fazermos parte do

mesmo grupo. Frequentar uma determinada igreja ou religião não significa que se concorda com tudo que o líder dela prega.

Participar de diferentes grupos é mais uma prova de que cultura não é algo que se constrói sozinho ou que seja genético das pessoas. E é por se construir em grupos e por meio da interação entre os membros desses grupos que as discussões sobre a presença da cultura nos currículos do ensino de inglês de desenvolveram, uma vez que o ensino se dá em grupos e que o principal meio de interação dos homens é a língua. Risager (2006) explica que, para Hannerz (1992), a cultura possui formas de se externalizar, isto é, maneiras pelas quais ela se torna acessível aos sentidos, torna-se pública e se espalha entre a população por meio de suas relações. Uma dessas maneiras seria a língua. Quando a mãe diz para o filho que responder pessoas mais velhas é falta de educação, ela está externalizando e disseminando cultura; quando '*nigger*', em inglês, para se referir as pessoas negras é ofensivo e '*black*' não, é língua externalizando os valores culturais de um grupo.

Destarte, uma língua carrega consigo elementos culturais, como léxico, sentido das palavras (conotativo e denotativo) e também por isso é preciso pensar a cultura no momento de ensinar uma língua. Um exemplo seria a expressão 'segue reto toda vida' dita, na nossa língua, para alguém que pede informação e que significa que é para ela seguir em uma mesma direção por muito tempo. Essa expressão só faz sentido dentro do nosso contexto cultural, pois dizer '*go ahead all your life*' não tem o mesmo sentido.

Porém, mesmo existindo uma relação estreita entre língua e cultura, Risager (2006) afirma que, em algumas circunstâncias, elas podem ser separadas. Para a autora, isso depende do ponto de vista, ou seja, se se considerar somente o nível genérico (cultura como algo que é compartilhado por toda humanidade) não faz sentido dizer que elas podem ser separadas, pois toda cultura humana (grupo social / cultural) possui língua e toda prática linguística está situada em um contexto cultural. Já no sentido diferencial, lidamos com formas específicas de práticas culturais, valores, ideias e ideologias de cada grupo. E estas podem ser expressas em qualquer língua por meio de cumprimentos, cores, meios de transporte, conselhos, que se diferenciam de um grupo para outro, e que são elementos típicos dos programas dos cursos de inglês.

Discutir essa relação entre língua e cultura é necessário, primeiro, pela interação presente nas práticas culturais e, segundo, porque estamos discutindo cultura no contexto de ensino de língua inglesa. E é também por isso que concordo com Risager (2006) quando diz que é preciso olhar o ensino pela perspectiva sociocultural, pois o social considera os aspectos relacionais de atividades no tempo e no espaço, e o cultural lida com a produção e reprodução de significados e representações, ou seja, ter uma perspectiva sociocultural é ver o ensino considerando como as coisas são e como as pessoas as veem.

Não podemos esquecer, porém, que essa relação próxima entre cultura e língua, tão próxima ao ponto de se afirmar que são inseparáveis, vem do processo de construção das nações na Europa no século XVIII: uma língua equivale a uma nação e a uma cultura. Isso, atualmente, é um pouco diferente. A globalização da língua inglesa confirma que a ideia de uma língua/uma cultura é obsoleta, pois ela se tornou um instrumento flexível de ser utilizado por qualquer um em qualquer lugar do mundo (RISAGER, 2006) já que é uma língua franca, pois mesmo não sendo a língua oficial, o inglês é utilizado em muitos países.

No entanto, isso pode levar ao questionamento de que o inglês seria, então, uma língua neutra, o que não poder ser, já que a língua é construída pelo uso que cada indivíduo faz dela, e esse uso é carregado de subjetividade, valores e crenças. Assim, a autora propõe o uso do termo '*languaculture*' (língua mais cultura ou a cultura da língua), pois há dimensões da cultura que são atreladas a uma língua específica, e outras não, como as tradições musicais e arquitetura. Portanto, '*languaculture*' está atrelado a uma língua específica e se refere à relação entre língua e cultura, e não à cultura como um todo. Talvez essa atitude tenha surgido também do seu reconhecimento da imensidão do que vem a ser cultura e queira se ater àquilo que está atrelado à língua.

Distinguir entre língua e cultura é para mim sinônimo de distinguir entre (de um lado) 'cultura linguisticamente formada' e (de outro lado) 'cultura não formada linguisticamente'. A anterior necessita da presença de um texto com linguagem verbal, falado e/ou escrito. [...] Eu usarei a partir de agora os termos "língua" e "cultura" com a seguinte cultura:

língua = cultura linguisticamente formada

cultura = cultura não linguisticamente formada (RISAGER, 2006, p.5)

Assim sendo, para a autora acima mencionada, a inseparabilidade é entre língua e sua '*languaculture*', e não entre língua e cultura, pois existe cultura que não é '*languaculture*'. Um exemplo seria a classificação dos substantivos em '*countable*' e '*uncountable*' no inglês, pois algo que não é contável para uns pode não ser para outros, como pão e queijo que, para nós brasileiros, é contável e para eles não. Enquanto falamos um pão ou dois pães, em inglês '*a roll of bread*' ou '*two rolls of bread*'. Isso confirma a ideia de Risager (2006) de que o sistema de cada língua é em si culturalmente diferente um do outro e o desenvolvimento e a socialização da língua contribuem para a formação de diferentes identidades. Desta forma, a autora considera a língua e verifica as relações que a cultura estabelece com ela, e não o contrário. É pensar língua incluindo discurso, ou seja, não só o sistema, mas o conteúdo, a prática linguística.

A autora usa o termo 'flow' (a partir de agora, fluxo) em expressões como fluxo linguístico e fluxo cultural no lugar de '*spread*' por acreditar que '*spread*' dá a ideia de que a cultura sai do centro para a periferia, enquanto que fluxo pode ocorrer em qualquer direção, tanto do centro para periferia, quanto da periferia para o centro. Esses fluxos culturais podem ser materiais, como roupa, comida, bebida, costumes, tradições, estratégias de aprendizagem. E, nesse caso, a migração é um fator importante e nos leva ao contato com padrões inconscientes de comportamento ligados à identidade da pessoa. Outro tipo de fluxo cultural são as representações: fotografias, pintura, cartoons, programas de tv, filmes, que não dependem só de migração para acontecer, mas também da mídia, e são relacionados com discursos de línguas particulares, organizados pelo mercado e determinados por sua orientação do modo de viver (RISAGER, 2006).

No entanto, acredito que, hoje, já há alguns desses padrões que são conscientes, como forma de legitimar e reforçar a identidade das pessoas ou do grupo de que participam. Algumas pessoas fazem questão de se vestir, andar e falar de certa maneira para reafirmar sua participação em certos grupos sociais/culturais, como os rappers, por exemplo, ou para negar sua participação em determinados grupos, como as pessoas que negam seu sotaque e repertório linguístico.

E é por essa capacidade de fluir da cultura que é preciso discutir interculturalidade.

Pensando sobre encontros interculturais

Considerando que a cultura é construída por meio da interação e que participamos simultaneamente de vários grupos sociais/ culturais, somos seres interculturais quase que por natureza. Quase porque estamos pré-dispostos a isso, mas temos que **aprender** a participar de encontros interculturais. De acordo com Spencer-Oatey e Franklin (2009) qualquer interação que ocorre entre grupos tem potencial para ser intercultural.

A interculturalidade é responsável pela difusão da cultura, pois no processo de interação entre os grupos há uma alternância entre externalização e interpretação. E é nesse movimento que ocorre o que Risager (2006) chama de fluxos culturais, que passam de pessoa para pessoa em um processo de difusão e transformação, bem como de produção e reprodução. Em um encontro intercultural cada um (re)produz sua cultura e, simultaneamente, produz cultura porque cada sujeito tem poder criativo sobre sua cultura, e não a reproduz cegamente. É nesse contato entre seres que (re)produzem cultura é que elementos culturais são criados ou transformados.

Ainda segundo Risager (2006), esses encontros e fluxos interculturais podem ocorrer em interações concretas, como em situações interpessoais ou por meio da distribuição de produtos e mídia. Desta forma, podemos dizer que a globalização e os meios de comunicação são grandes elementos facilitadores da interculturalidade. Com a aliança estabelecida entre globalização e tecnologias as distâncias temporais e espaciais se encurtaram, e esses fluxos interculturais ou a interculturalidade acontecem com mais frequência e mais facilmente. É possível manter contato com pessoas de outros lugares, bem como ter acesso às suas mídias. Não é preciso ir aos Estados Unidos para saber que a maioria deles adora pasta de amendoim e panquecas, ou à Grécia para saber que quebrar pratos não é algo ofensivo. Essa aliança também permite que pequenos grupos sejam notados com mais facilidade e que eles possuam meios para reafirmar sua identidade.

Considerando a interculturalidade que ocorre no nível interpessoal, já que estamos discutindo cultura pensando no contexto de ensino de língua, tem-se que as pessoas demonstram sua cultura, ou seja, seu modo de ver o mundo, pelo uso que elas fazem da língua. E esse uso é influenciado pelos grupos dos quais se

participa, uma vez que são esses grupos que influenciam sua prática linguística e sua fonte linguística. (RISAGER, 2006).

A autora acima citada compreende prática linguística como atos identitários pelos quais as pessoas revelam tanto sua identidade pessoal como sua busca por papéis sociais, aspectos práticos de escolha da língua. Ela é formada por normas inconscientes de comportamento que a regulam e desenvolvem. Esses aspectos variam individualmente, socialmente e em termos de gênero, e inclui elementos paralinguísticos e cinestésicos. Entretanto, acredito, como já disse antes, que eles podem ser conscientes em momentos em que a pessoa faz questão de fazer uso da língua de uma determinada forma para se identificar com um grupo.

Portanto, a prática linguística é um processo constante de produção e interpretação formado por correntes de textos orais e escrito em uma língua. Um indivíduo produz textos que são recebidos e compreendidos de várias maneiras, e tais compreensões são transmitidas também em textos. Por isso, a prática linguística é um elemento tão importante da interculturalidade.

Já fonte linguística é como se fosse um repertório de sistemas socialmente marcados que capacitam a pessoa para agir de acordo com a demanda de cada situação, projetando sua visão de mundo e sua expectativa sobre a visão de mundo do outro. E essas fontes linguísticas são influenciadas por meio da passagem do indivíduo em um variado número de redes sociais (grupos culturais), e é, ao mesmo tempo, produtiva e receptiva/interpretativa, incluindo um discurso social e um individual. Assim, este também é um elemento importante nos encontros interculturais.

A interculturalidade gera tantas possibilidades que amplia o campo de estudos culturais; e tantos são os povos e tantas redes sociais que é impossível se ensinar a cultura de um povo. Talvez, esse seja outro motivo pelo qual Risager (2006) tenha se mantido com foco na '*languaculture*', ou seja, olhando somente os aspectos culturais que dizem respeito à língua, já que para ela a '*languaculture*' é que determina o que cada um pode dizer e as expectativas de como dizer em cada uma das situações vividas, e tais expectativas estão intimamente relacionadas ao contexto cultural da interação.

É importante perceber que a palavra interculturalidade concebe a existência de várias culturas e uma interação entre elas. Isso é diferente de multiculturalidade,

pois esta concebe a existência de várias culturas, mas não a interação entre elas. Portanto, interculturalidade é a relação de mão dupla entre culturas que, a meu ver, precisa de certa harmonia ou capacidade de conviver com diferenças para acontecer. Como esperar uma relação intercultural de um negro com alguém racista? Ou de um ateu com um protestante, ambos fanáticos?

Por esse motivo é que o ensino comunicativo de inglês por si já não basta mais, e, por isso, Byram (1997, 2008), citado por Hall (2012), propuseram o termo competência comunicativa intercultural ou que Spencer-Oatey e Franklin (2009) utilizem o termo competência de interação intercultural para se referir à competência de se comunicar (verbal ou não verbalmente) e se comportar de maneira adequada com pessoas de outros grupos culturais, sendo o termo competência de interação intercultural mais voltado para o contexto de sala de aula. Diante de tudo isso, o ensino de inglês deve contribuir para a construção de uma sociedade melhor, incentivando e discutindo os encontros interculturais cotidianos durante as aulas.

Tudo isso nos mostra a constante necessidade de se discutir a interculturalidade na sala de aula de língua inglesa para promover a relação entre pessoas de grupos culturais diferentes, o que diminuiria a existência de muitos conflitos, já que problemas como racismo, homofobia, embates religiosos, por exemplo, ocorrem pela falta de capacidade de se conviver com o diferente. Assim, para mim, interculturalidade é adotar uma posição de respeito diante daquilo que é diferente de mim e da minha maneira de pensar e agir existentes a nossa volta.

Além disso, são os encontros interculturais que vivemos que permitem criar ou modificar nossa maneira de ver as coisas e obter pontos de vista sobre o mundo a nossa volta. E, como já foi dito, para ser intercultural não é preciso que os sujeitos envolvidos pertençam cada um a um país diferente, pois pode se dar entre pessoas da mesma cidade, alguém do interior com alguém da cidade; na mesma universidade, um estudante de matemática e um estudante de Letras etc. Interculturalidade é um encontro de mão dupla entre sujeitos ou grupos culturais distintos em que nenhum é melhor do que o outro.

Por tudo isso, ensinar de forma intercultural é tão importante, pois assim, mesmo que pareça utópico, conseguimos capacitar os alunos para viver de forma mais harmoniosa na sociedade, fazendo com que sempre aprendam e ensinem algo em seus encontros interculturais.

Interculturalidade na sala de aula

Acredito que a interculturalidade na sala de aula de inglês deve começar com/no professor e na postura que ele assume diante do ensino de língua e do que vem a ser língua.

Primeiramente, é preciso que o docente não veja a língua somente como sistema ou como transferência de informação. Somente reconhecendo a língua como um instrumento de asserção, negociação, construção e manutenção do indivíduo e da identidade dos grupos dos quais ele faz parte, e não como um conjunto de regras descontextualizadas, é que esse professor conseguirá ensinar por um método intercultural (CORBETT, 2003).

Em segundo, o desejo de ensinar interculturalidade pede professores capazes de reconhecer e respeitar a multiplicidade de perspectivas que os alunos trazem com eles todos os dias para a sala de aula, deixando de vê-las como algo homogêneo ou como não 'tão boa' quanto a que a escola tem para ensinar. Só assim, ele consegue construir ligações entre as práticas que os alunos têm em casa com as da escola e, assim, garantir o sucesso acadêmico deles, pois se as práticas dos alunos são percebidas como obstáculos, as dificuldades se ampliam. É preciso ver a variedade cultural dos alunos, não como uma versão deficiente de uma noção idealizada de língua e cultura, mas como uma ferramenta que permite aos estudantes participarem de diversos grupos e comunidades em seu mundo sociocultural (HALL, 2012).

Corbett (2003) afirma que cada encontro de um docente com um novo grupo de estudantes e com um novo plano curricular é um encontro intercultural. Eu acredito que nem precise ser com um novo grupo, pois em um encontro não apreendemos toda a cultura de alguém, e, assim, cada encontro com a mesma pessoa é intercultural. Pode-se dizer que há dois grandes encontros no ano letivo (considerando um ano letivo de uma escola regular com 200 dias letivos): um no início do ano e outro no final, pois após o contato de um ano, ao final, alunos e professor já não são exatamente os mesmos, uma vez que *'professores e alunos servem como recursos uma para o outro'* (HALL, 2012, p. 101).

Esses dois elementos, conceito de língua e respeito à multiplicidade, são muito importantes para um ensino intercultural, pois evitam uma estereotipação inapropriada dos alunos por parte do docente, que é o condutor do processo de ensino/aprendizagem. Se o professor vê a língua somente como sistema e não concebe valor às práticas de seus alunos, provavelmente ele corre o risco de estereotipar seus alunos e separá-los por rótulos. Spencer-Oatey e Franklin (2009) explicam três aspectos do estereótipo: se refere a qualquer característica, como nacionalidade, crenças religiosas, ocupação ou cor do cabelo; características adicionais são relacionadas a ele ou ao grupo ao qual ele pertence (baiano é preguiçoso; americano é frio); identificar uma pessoa com um grupo, o que faz com ela assuma as características que são atribuídas ao grupo.

Portanto, o estereótipo pode levar ao preconceito e à discriminação, o que impede uma postura intercultural do professor e, por consequência, um ensino intercultural. Além disso, o professor precisa lembrar que a escola é uma instituição laica que recebe pessoas de qualquer grupo cultural. Deve receber e respeitar qualquer um que deseja estudar.

Assumindo esses pressupostos, o professor deixa de ser o '*expert*' que *transmite* os conhecimentos sobre a língua a ser aprendida para o aluno e passa a ser um facilitador, que é o perfil de professor que um método intercultural pede. Assim, alunos e professores criam, juntos, um grupo com objetivos, fontes, padrões e normas de participação de forma compartilhada e que considera a necessidade de uso do inglês de cada um (HALL, 2012).

Um ensino intercultural não se pauta somente no ensino de cultura por si só, como algo fora de contexto, pois afinal é uma aula para se aprender uma língua e o objetivo não é ensinar uma cultura estrangeira, nem tampouco ensiná-la como ideal a ser adotado pelo aluno. Concordo com Corbett (2003) quando ele diz que uma abordagem intercultural pode ser realizada por meio de diversos métodos, pois o que muda é o enfoque da atividade. A abordagem intercultural não procura substituir ou diminuir as vantagens feitas por métodos como '*task based*' ou '*learner-centred*', e sim aumentar essas vantagens e conduzi-las para objetivos mais realistas. O objetivo de uma abordagem intercultural é estimular as habilidades de observação e mediação que contribuem para o desenvolvimento da competência comunicativa intercultural.

Temos uma grande tendência em achar que o novo deve substituir o antigo, assumir que as novas ideias e metodologias são as melhores ou as corretas e que as anteriores são erradas. No entanto, creio que os resultados seriam melhores se utilizássemos as diferentes metodologias de modo que uma complete a outra, considerando o objetivo de cada aula. Uma abordagem intercultural não significa abandonar os *'information gaps'*, por exemplo, ou atividades similares, mas fazê-las com enfoque também na cultura presente nessa troca de informações e permitir que os alunos reflitam sobre como a cultura influencia essa troca de informações (CORBETT, 2003). Como diz o ditado popular: "Nem tanto ao céu, nem tanto ao mar". É importante que os alunos aprendam comandos, conselhos, sugestões, tempos verbais, mas também é importante que aprendam como isso é usado por grupos para negociar identidades, ou seja, a interculturalidade demanda equilíbrio.

O professor também deve ter em mente que não é possível ensinar todas as culturas que utilizam uma língua, nem tão pouco ensinar todos os aspectos de uma cultura. Por isso, o objetivo de um ensino intercultural não é ensinar exatamente a cultura, é mais do que isso, é, nas palavras de Hall (2012, p. 129):

[...] ajudá-los a entender os papéis e identidades apropriadas por eles no uso de recursos específicos, do social, cultural e outras forças que dão forma para essas construções, e de *negociar* (grifo meu) com os outros e de posicionar-se em relação a estes papéis e identidades, e forças sociais maiores de modo que seja *mutuamente benéfico* (grifo meu).

Um estudante que conseguiu, com a ajuda do professor, desenvolver uma competência comunicativa intercultural:

[...] tem habilidades que capacitam ele ou ela a identificar normas e valores culturais que geralmente estão implícitas na língua e comportamento de grupos que ele ou ela encontra, bem como articular e negociar um posicionamento com *respeito* (grifo meu) a tais normas e valores. (CORBETT, 2003, p. 40)

Pelas citações, ambos os autores acreditam no benefício mútuo nas interações interculturais, pois falam em respeito e negociação. Por isso, podemos dizer que o ensino intercultural de inglês é uma prática de reconhecimento e respeito às diferenças. Um aluno com competência comunicativa intercultural não sabe tudo da cultura da língua alvo. Um aluno com essa competência possui habilidade de observação para perceber as diferenças explícitas e implícitas e habilidade de

negociação para lidar com essas diferenças sem ser passivo, aceitando tudo, ou autoritário, impondo seus valores e crenças, e permitir que participantes tenham iguais possibilidades no encontro intercultural.

Corbett (2003) cita ainda Kramersch (1998) para quem competência comunicativa intercultural não é conhecimento, mas regras compartilhadas utilizadas, tanto em contextos familiares, como em novos, para interpretar.

E se há uma posição de respeito, a interculturalidade na sala também resgata valores e ajuda a construir uma sociedade mais aberta às diferenças, pois o que acontece na sala de aula não fica somente na sala de aula.

O ensino de língua na sala de aula e nas escolas não pode ser tratado como um campo isolado de prática. Ele precisa ser considerado em uma perspectiva global, como parte de uma propagação cultural e linguística. O ensino de língua é um fluxo global de significado institucionalmente particular - um espaço de aprendizagem onde fluxos culturais, discursivos e linguísticos se fundem e são transformados de acordo com as condições pedagógicas, sociais e materiais e são enviados. (RISAGER, 2006, p. 24)

Não é preciso criar atividades mirabolantes para ensinar a interculturalidade ou ensinar de forma intercultural. Muitas atividades comunicativas podem ser utilizadas para trabalhar objetivos interculturais. Corbett (2003) sugere, por exemplo, que os alunos podem coletar e compartilhar informação em grupos, utilizando *'information gap'* e, depois, discutir suas observações sobre as informações; explorar a função social de uma conversação cujo objetivo, muitas vezes, não é só a troca de informações ou opinião. Também sugere o uso gêneros textuais do dia a dia, como chats, histórias, fofoca, cada um com um objetivo e função cultural diferente.

A diferença é que essas atividades são trabalhadas, não como regras fixas ou como modelo rígido a ser seguido, mas como procedimentos de descobertas e observação. Tais atividades são, portanto, um meio termo entre os modelos rígidos e a falta de instrução. A falta de instrução pode surgir de uma tentativa equivocada de se banir completamente os modelos. O fato de se procurar ser intercultural não quer dizer que vale tudo, ao contrário, é procurar um equilíbrio entre o que estável (padrões) e o que não é.

Ainda segundo Corbett (2003), seguindo uma perspectiva intercultural, durante o processo de ensino de uma língua, é possível discutir, além das estruturas e regras gramaticais, a linguagem corporal; quando aperto de mão e beijos são ou

não aceitáveis; associações culturais em que um assunto é escolhido e os alunos tentam descobrir o máximo que podem sobre e comparar o modo como ocorre em diferentes culturas (exemplo: comida - ingredientes, onde e quando se come, pelo que pode ser acompanhada, origem, se é refeição ou lanche etc); trabalhar a ironia presente em charges e cartoons, uma vez que a ironia depende de sentidos construídos e fatos vivenciados pelo grupo cultural em questão; incidentes críticos, que se referem a situações que envolvem conflitos de valores e objetivos; entrevistas; imagens; texto midiáticos etc.

Desta forma, a inserção da interculturalidade na sala de aula não propõe uma mudança radical de métodos e atividades, e, sim, uma mudança no enfoque que é dado a tais atividades, para se considerar o significado delas para os alunos de diferentes culturas. Também é, a meu ver, mais uma tentativa, no mundo capitalista e competitivo em que vivemos, onde o egocentrismo prevalece, de nos fazer perceber a nós mesmos como seres sociais e de perceber a existência, também única, do outro.

Considerações Finais

Após essa discussão sobre cultura, fica a sensação de que cultura é uma daquelas coisas que não sabemos muito bem dizer o que é, mas sabemos o que é, e sabemos identificar quando vemos. Porém, também fica clara a necessidade de se considerar cultura no ensino aprendizagem de inglês. Se ela é algo presente na maneira como utilizamos a língua e em nossas identidades, ela está o tempo todo conosco, inclusive na sala de aula.

E pensar em cultura em sala de aula de inglês é, conseqüentemente, pensar em interculturalidade. Se decidimos trabalhar cultura em nossos currículos, estamos cientes de que não existe **uma** cultura, única e igual para todos. Estamos cientes de que estamos cercados e participamos de vários grupos culturais simultaneamente. Assim, para mim, interculturalidade na sala de aula de inglês é uma questão de postura, de posicionamento para se trabalhar na aula aquilo com o que já convivemos fora da sala.

Temos uma forte tendência em interagir com o que é, ao menos, um pouco semelhante a nós, com o que nos atrai, e rejeitar o restante. Trabalhar a cultura de

forma intercultural é trabalhar cultura reconhecendo a sua própria cultura como uma entre tantas, e não como a melhor, é ajudar o aluno a conviver com culturas diferentes de maneira respeitosa, mesmo que não concorde com elas; é equipar o aluno com ferramentas para que ele perceba até aonde pode ir para não ofender a cultura e a identidade do outro, descentralizando sua visão de mundo.

Por tudo isso, vejo o ensino de inglês orientado pela cultura e pela interculturalidade como uma prática de reconhecimento e respeito às diferenças. No entanto, durante a leitura dos textos para a tessitura deste artigo, percebi que o contexto de ensino de inglês a que se referem os autores é o da escola de idiomas. E me questioneei: e o contexto de ensino de inglês como língua estrangeira das escolas públicas? É preciso pensar cultura/ interculturalidade neste contexto também. Como trabalhar cultura/ interculturalidade na aula de inglês em escolas públicas? Como desenvolver a competência comunicativa intercultural dos alunos da rede pública? São aspectos que devem ser pensados e discutidos.

Referências

CHINA, A. P. Z. As metodologias de ensino de língua inglesa no Brasil. In: *A trajetória do ensino de inglês como língua estrangeira no Brasil: considerações sobre metodologias, legislação e formação de professores*. 109f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, São Paulo, 2008. p. 48-55.

CORBETT, J. *An intercultural approach to English language teaching*. Clevedon: Multilingual Matters Ltd, 2003.

HALL, J. K. The sociocultural world of learners. In: HALL, J. K. *Teaching and researching language and cultures*. Harlow: Pearson Education, 2012, p.71-87.

_____. Language and culture of the classroom. In: HALL, J. K. *Teaching and researching language and cultures*. Harlow: Pearson Education, 2012. p. 88-109.

_____. Language and culture as curricular content. In: HALL, J. K. *Teaching and researching language and cultures*. Harlow: Pearson Education, 2012. p. 110-132.

RISAGER, K. *Language and culture: global flows and local complexity*. Clevedon: Multilingual Matters Ltd, 2006.

SPENCER-OATEY, H.; FRANKLIN, P. Unpacking culture. In: SPENCER-OATEY, H.; FRANKLIN, P. *Intercultural interaction: a multidisciplinary approach to intercultural communication*. New York: Palgrave MacMillan, 2009. p. 13-49.

_____. Intercultural interaction competence (ICIC). In: SPENCER-OATEY, H.; FRANKLIN, P. *Intercultural interaction: a multidisciplinary approach to intercultural communication*. New York: Palgrave MacMillan, 2009. p. 50-79.

_____. Intercultural interaction competence (ICIC). In: SPENCER-OATEY, H.; FRANKLIN, P. *Intercultural interaction: a multidisciplinary approach to intercultural communication*. New York: Palgrave MacMillan, 2009. p. 13-49.

_____. What is culture? A compilation of quotations. *GlobalPAD Core Concepts*.(2012b).